

BRASIL-PORTUGAL

16 DE JULHO DE 1903

N.º 108

O PROXIMO CONCLAVE

Os Cardeaes indigitados para Papa



Cardeal Seraphim Vanutelli



Cardeal Gotti

POLITICA INTERNACIONAL

O assumpto do dia actualmente na Inglaterra e nas colonias inglezas, assim como nos Estados Unidos e nos circulos governamentais das grandes nações commerciaes da Europa, em especial na Alemanha, são as propostas implicitamente contidas nos ultimos discursos do sr. Chamberlain para a alteração da politica fiscal do reino Unido, com o fim de estabelecer pautas differencias para as permutações entre a metropole e as diferentes colonias autonomas — o Canadá, a Australia, a Nova Zelandia e a Africa do Sul.

Com uma audacia e uma firmeza, que causaram a admiração de amigos e adversarios, o sr. Chamberlain levantou inopinadamente esta momentosa questão, que está dando thema para apaixonadas discussões, e começa a promover um movimento de opinião que promete ser imponente.

E' a velha questão entre o proteccionismo e o livre-cambio; suscitada, porém não com intuito de escola ou puramente economico, como no tempo de sir Roberto Peel e de Cobden, mas com o fim politico e patriótico de realizar a unificação do imperio britannico, e de transformar n'um organismo vivo e poderoso o que tem sido até agora quasi apenas uma manifestação de vaidade nacional.

O sr. Chamberlain apreciando no seu devido valor o que vale como força efectiva esse congado de nações, frouxamente unidas pelos laços moraes de uma mesma origem, que possoumente a si proprio se denomina «o imperio britannico», quer substituir essa esplendida illusão, que qualquer eventualidade pôde desfazer, por um imperio fortemente cimentado pela argamassa do interesse commum.

Quer converter n'uma grande realidade esse poetico sonho, que Lord Beaconsfield vislumbrou ao pôr na cabeça da sua soberana a coroa imperial das Indias. E ninguém dirá que o ideal do ministro das colonias inglez não seja digno de um estadista de raça.

Surpreheudo a opinião publica europea e americana a attitude do sr. Chamberlain na questão do novo regimen fiscal a adoptar para com as colonias, por isso que semelhante attitude, tão repentinamente tomada, está em manifesta opposição com o passado livre-cambista do antigo deputado liberal de Birmingham. Para quem tivesse, porém, seguido com cuidado a evolução politica de Chamberlain como ministro das colonias, especialmente depois da guerra do Transval, o que agora se está passando não causa surpresa.

Já por occasião da coroação de Eduardo VII, a convocação dos primeiros ministros de todas as colonias britannicas de Londres, para sob a presidencia do ministro das colonias se occuparem das questões mais importantes, que se referiam aos interesses gerais do imperio, constituiu a primeira tentativa séria de se realizar, o que agora por outro modo se propõe. E' sabido que n'essa reunião Chamberlain defendeu com grande calor a unificação das forças de mar e terra de todas as colonias e da mãe patria, como expressio mais significativa da unidade do imperio. Esta proposta, que n'uma reunião a seguir, não foi aceita pelos representantes das colonias, embora entre elles se encontrassem alguns que muito contribuiriam para o envio de tropas colonias para a guerra sul-africana.

Rejeitado este alvitre, Chamberlain não se deu por batido, e propoz então que cada uma das colonias contribuisse com a sua quota parte em dinheiro para a sustentação da esquadra imperial, sem cujo auxilio e protecção as colonias não poderiam gozar das vantagens de fazer parte do imperio britannico. Embora esta proposta fosse aceite em principio, é certo que na pratica pouco exito alcançou, porisso que as quantias a que como contribuição as diferentes colonias se obrigaram foram insignificantes para a totalidade das despesas a cobrir, e para a importancia e situação relativa dos contribuintes.

Foi então que o ministro das colonias, cuja tenacidade só é equaalada pela perspicacia e audaz firmeza, de que tem dado provas desde que subio ao ministerio, se abalancou ao passo decisivo, no que para elle representa a unica condição possivel da existencia do imperio. Pelo que até agora se pôde apreciar, a maioria é-lhe favoravel. A questão está ainda, é verdade, no periodo de apresentação e não se synthetisou por ora em propostas concretas sobre que possa incidir uma discussão proveitosa.

Non obstante os symptomas são desde já significativos. Em primeiro lugar Chamberlain conseguiu ganhar parte do seu modo de ver e tornar com elle solidarios, além do presidente do ministerio, o sr. Balfour e do ministro dos negocios estrangeiros, o marquez de Langdowne, que ambos e com grande vigor defenderam no parlamento a necessidade de modificar a politica fiscal da Grã-Bretanha, o resto dos collegas, evitando-se assim uma crise ministerial na presente conjunctura, a qual muito podia prejudicar o triumpho definitivo das ideias do ministro das colonias. Em seguida, n'uma opinião nas colonias começa a manifestar-se favoravel a modificação projectada. O Canadá e a Nova Zelandia approvam-na com enthusiasmo. Na Australia, embora alguns dos estados lhe façam certas reservas, a opinião geral acha-a desejavel e proveitosa. A Africa austral, embora actualmente em condições anormalissimas para apreciar com imparcialidade o projecto do sr. Chamberlain, não lhe é contraria.

Em Inglaterra a maioria da imprensa é-lhe favoravel. Basta dizer que todas as grandes revistas inglezas do mez findo (e é sabida a força que estas revistas tem na opinião publica do Reino-Unido) tecem os mais calorosos elogios a proposta.

Quer isto significar que não haja luctas, e que medida tão capital para o modo de ser do imperio britannico se possa considerar já como definitivamente assegurada? De modo nenhum.

No entanto o passo mais difficil está dado, e a victoria definitiva parece-nos apenas questão de tempo.

O resultado das eleições para o Reichstag alemão, embora estivesse mais ou menos previsto, excedeu todas as expectativas no que se refere á situação dos diferentes partidos depois do veridico da urna.

O traço capital do scrutinio, tanto nas primeiras eleições como nas de desempate, foi a extraordinaria victoria dos socialistas, e o lastimoso decalabro dos grupos liberais. O centro catholico manteve a sua situação, apesar de algumas perdas, que o devem fazer reflectir. Os agrarios extremos foram batidos em toda a linha. Os progressistas e os nacionaes liberais foram litteralmente esmagados, perdendo de vez toda a preponderancia parlamentar.

Só os socialistas saíram engrandecidos da lucta, e tão augmentadas viram as suas fileiras, apesar da traição dos liberais nas eleições de desempate, os quais votaram nos candidatos conservadores, que passaram a ser numericamente o segundo partido do Reichstag, com 85 deputados, isto é, o dobro da representação que tinham na camara anterior. O augmento no numero dos votos ainda é mais sensivel, porisso que havendo sido este 761:28 em 1887, 1.427:28 em 1890, 1.786:78 em 1893, 2.107:06 em 1898, subio na presente eleição a 3.000:000!

E' evidente que esta victoria representa não só o resultado da adhesão das massas trabalhadoras no programma socialista, mas tambem a expressão do protesto da maioria do paiz contra a politica do imperador e do chanceller. A Alemanha liberal e democratica quiz demonstrar de forma bem clara a Guilhermo II, que não está disposta a tolerar a continuação da politica medieval e espectacular que tem alienado ao imperio germanico as sympathias de muitos dos seus antigos defensores.

Ao chanceller von Bälou quiz tambem recordar-lhe que tem os hombros demasiado debéis para aguentar com a armadura do fallecido Bismarck. Das-se-lhe os dois por convencidos perante a eloquencia da demonstração? E' licito duvidar.

O que parece mais conforme com a idiosyncrasia do Kaiser, é que elle persista na sua orientação pessoal, e que insista mais ainda, se é possivel, na feição autocratica do seu governo, procurando o apoio de que carece no centro, e accentuando portanto o caracter reaccionario da politica imperial. Com que resultado? Eis o problema.

Uma lucta com a Alemanha conservadora, que em seu passado datas como a de 1848, não pôde capitalizar um pleno seculo xix perante os ukazes mesmo do principio mais voluntarioso.

O que deve fatalmente seguir-se na politica alemã como consequencia da victoria dos socialistas é a lucta, desde já prevista, entre a autocracia e os democraticas de todos os matizes.

Guilhermo II tem por si, além do prestigio pessoal e do apoio das classes conservadoras, o conselho federal que até agora tem sido para elle tão condescendente auxiliar. Os socialistas porém, contam com a massa da nação, que n'um momento de crise, e como protesto contra o existente, pôde dar força consideravel ao unico partido de verdadeira opposição, que existe no imperio. Além de que, é duvidosa a attitude dos diferentes estados allemães perante a lucta, que vae iniciar-se. Que elles não estão satisfeitos, pelo menos alguns, com a semcermonia e os processos summarios com que Guilhermo II, no seu afan de tudo absorver e em si centralisar, por vezes os trata, diversos symptomas o revelam.

Mas até que ponto irá este descontentamento? Os dois principaes estados — Baviera e a Saxonia — são abertamente contrarios á hegemonia da Prussia. Nas recentes eleições os socialistas bavaros deram uma maioria enorme aos candidatos de centro.

Na Saxonia a grande maioria foi para os socialistas. E o que mais significativamente é, na propria Prussia, directamente governada pelos Hohenzollern, os candidatos do partido radical tiveram larga colheita de votos. Em Berlim a votação socialista teve mais 63:000 votos do que na votação anterior. Em Dwiurgo, uma cidade provincial de Westphalia, augmentou 17:000 votos. Em Essen passou de 4:400, nas eleições anteriores, a 22:000 no scrutinio actual. E assim por diante.

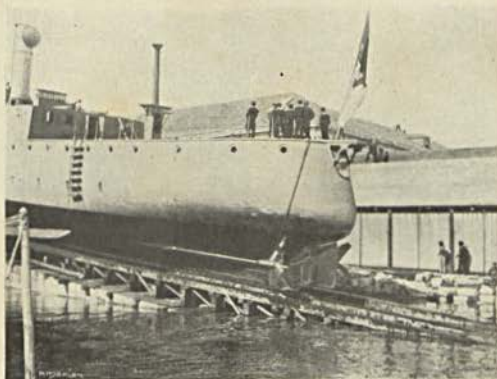
Nestes termos é licito suppor que os diferentes estados allemães acompanhariao o imperador n'uma lucta aberta e declarada contra o partido socialista, e portanto contra todos os aliados eventuaes, que este partido possa ter? Não nos parece. Tal lucta tentou-a Bismarck com as suas leis de excepção, n'outro tempo em que as circumstantias pareciam favorecel-o; e apesar da rizeja de pulso que caracterizava o «chanceller de ferro», elle foi vencido, e é desde então que data o grande acrescimo do partido socialista. Como poderia triumphar a mesma politica, quando os tempos são outros, o adversario mais forte, e incomparavelmente mais fraco o ministro que a ha-de pôr em pratica?!

CONSIGLIERI PEDROSO.



Canhoneira "Patria,"

Patria, é nome que bem cabia a um maior navio, mas que assenta bem à canhoneira que não ha muitos dias escorregou no estaleiro do Arsenal de Marinha de Lisboa, porque esse nome corresponde a uma grande idéa, corresponde ao levantado sentimento de muitos milhares



Canhoneira «Patria» sem cocoras, já prompta a lançar-se no Tejo

de portuguezes, que, longe da terra que lhes foi berço, não a esquecem nunca.

Bem posto foi, pois, aquelle nome ao navio que é uma recordação, uma saudade, que é expressão enfim de grande amor pela patria portugueza.

Como esse amor se afervora e cresce longe de Portugal, sabem-n'o por experiencia todos os que, a bordo de um navio, tem transposto os mares. De como esse amor se acrisola nos portuguezes residentes no Brasil, dão testemunho factos de todos os dias, dão testemunho aquelles que uma vez tiveram occasião de visitar alguns dos encantadores portos da America do Sul. Ainda hoje, — e já vivo passados largos annos, — temos viva a impressão com que foi recebida no Rio de Janeiro uma divisão naval portugueza.

Mendes Leal, esse ministro patriota como poucos, e que como poucos mais diligenciosos levantar a nossa marinha de guerra, determinou, antes de deixar o ministerio, que uma divisão composta das corvetas *Bartholomeu Dias*, *Estrephasia* e *D. João*, visitasse o Rio de Janeiro. A divisão sahia de Lisboa no principio do anno de 1864, e nos primeiros dias de março dava fundo nas aguas do Guanabára.

Logo á chegada foi a divisão recebida com demonstrações de enthusiasmo. Era verdadeira a alegria dos portuguezes; e os seus corações abriam-se para nós como para irmãos queridos. Quando estavam a bordo era viva a satisfação que sentiam; pisavam o solo da patria, diziam, estavam sob a égide da bandeira das quinas.

Havia dias em que os navios eram franqueados aos visitantes. N'esses dias, em volta das corvetas, enchemavam botas e vapores conduzindo numerosas pessoas.

Não era a eutrosidade que as movia, era o desejo de estar a bordo de um navio portuguez.

Uma vez, entrou a bordo da corveta *Bartholomeu Dias* um homem: um pouco curvado, de andar incerto, amparado por outro ainda novo. Correu o navio de prôa á pópa, como para lhe medir o comprimento, subiu ao castello de prôa, subiu ao tombadilho; ahí, perguntou para que lado estava a bandeira, e, fixando os olhos embaciados, sem luz, na direcção que lhe foi indicada, descobriu-se respectuosamente; de pois quiz dar fé dos canhões que guarneciam as amuralhas da corveta, das carabinas, de todo o armamento, e, tendo lá apreciando pelo tacto. Por ultimo, tendo examinado quanto estava ao seu alcance, pediu com muito empenho que lhe trouxessem a bandeira portugueza. Fez-se-lhe a vontade. Com mão tremula foi seguindo os desenhos da corôa e das armas, e quando os dedos tocaram as quinas, rolaram pelas faces do pobre ego das duas lagrimas. Nada disse; agradeceu e dirigiu-se para o portão, deixando todos que assistiram a esta scena tão commovida como elle.

Que eloquencia n'aquellas lagrimas! Que saudades e que amor pela patria ellas nos revelaram!

Não se terá repetido caso igual, mas quantos semelhantes, quantos factos a attestarem todos os dias o patriotismo dos portuguezes que vivem nas terras de Santa Cruz! A nova canhoneira é mais uma prova; por isso, repetimos que bem lhe cabe o nome que tem.

Foi no dia 27 do corrente, n'uma formosissima tarde de verão, que Sua Magestade a Rainha sr. D. Amelia disse, logo que as regatas deixaram de prender á terra o navio: Em nome d'El-Rei vai! — Vai com Deus!

E a canhoneira foi deslizando pela carreira, adquirindo velocidade a pouco e pouco, até fluctuar livremente nas aguas mansas do Tejo, desfaldando então na pópa, pela primeira vez, a gloriosa bandeira azul e branca. Desde esse momento a pequena esquadra portugueza, graças á generosidade de nossos irmãos de além-mar, conta mais um navio.

A canhoneira *Patria*, construida segundo os planos e sob a direcção do sr. Creneau, tem 60 metros de comprimento, por 8 metros e 40 centimetros de boeca, 2 metros e 56 centimetros de calado d'agua, e desloca 636 toneladas; as machinas devem desenvolver 1890 cavallos dando a velocidade de 15 milhas por hora; o armamento consta de 4 canhões de 10 centimetros, dispostos 2 em cada cacha, um reductos, a ante, e 2, no convés, mais 6 canhões de 47 $\frac{1}{2}$., e um de 37 $\frac{1}{2}$., na gavela militar. Tem um unico mastro de aço, e duas chaminés, tem quatro embarcações unidas, semo duas balleiras, um escaler de 7 metros e 50 centimetros a remos, e um escaler igual movido por vapor.

Os trabalhos da construcção começaram em 28 de outubro de 1901; e o primeiro rebite foi cravado em abril de 1902. A canhoneira *Patria*, quando foi lançada no mar, teve as caldeiras e as machinas a bordo. E' provavel que, se não houver demora na entrega da artilharia, esteja prompta a navegar antes de um anno.

O seu destino é fazer parte de qualquer das divisões navaes das nossas provincias ultramarinas; mas é provavel que a sua primeira viagem seja ao Brasil.

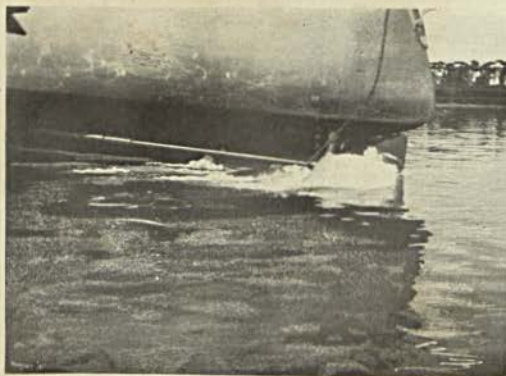
Pedro Dixit.

A acrescentar aos Annaes do paiz em geral, e da marinha em especial, como manifestação do trabalho nacional, e padrão de patriotismo dos nossos irmãos d'além mar, figura como data memoravel, o dia 27 de junho de 1903, dia em que a canhoneira *Patria*, construida ás expensas da Grande Subscrição Patriótica no Brasil, promovida pelo Creneau Portuguez do Rio de Janeiro, na presença de SS. Magestades, e no meio do enthusiasmo e jubilo de milhares d'assistentes, foi lançada ao rio, dos estaleiros do Arsenal de Marinha.

O coração de todo o verdadeiro portuguez compartilha no momento actual, do orgulho e regoijo que devem sentir os que mais ou menos contribuíram para esta obra nacional.

Tem esta Revista o enorme prazer de registar as suas columnas, os nomes dos membros da Grande Comissão do Rio de Janeiro, sr.conde d'Avellar, viscondes de Sande, e de Castro Grão, o seu representante em Lisboa, sr. contra almirante Augusto de Castello, o delegado do Governo junto da construcção, capitão de fragata Henrique Carvalhosa, o engenheiro constructor Alphose Creneau, que elaborou os planos do navio e dirigiu os trabalhos, e engenheiro constructor capitão de fragata Duarte Sampaio que o condjuvou, o machista naval José Antonio Santiago que fiscalizou a construcção das machinas, os adjuntes Berthé e Galguc, o mestre Isidoro, e contramestre Guilherme d'Almeida, da officina de construcções navaes do Arsenal. A todos aquelles que tem ligado o seu trabalho e actividade ao elegante navio que fluctua no Tejo, esta redacção, interpretando o sentir geral, envia o seu applauso.

Com a verba recolhida pela Grande Subscrição Patriótica, de cerca de 240 contos de réis, não se poderia fazer mais nem melhor, e a canhoneira *Patria* honra o Arsenal que a construiu, não só porque está solidamente feita e acabada, obedecendo todos os seus materiais ás condições de resistencia e trabalho que devem supportar, em conformidade com os previos e respectivos calculos, mas satisfazendo tambem pelo diminuto calado d'agua, pela distribuição dos alojamentos e divisões internas, pela potencia das suas machinas, e pelo relativo poder da sua arti-



Canhoneira «Patria» no entrar n'agua

lharia aos fins para que é destinada, isto é, um navio colonial, podendo navegar nos estuários e deltas dos rios africanos, subir estes, e emprender longas viagens e demorados cruzeiros no mar. Foi para satisfazer estes variados serviços, que conforme as instruções recebidas o engenheiro Creneau, director tecnico do Arsenal, estudou e elaborou os planos do navio, que representa o typo da canhoneira fluvial americana Helena, entre nós.

As suas características principais são:

Comprimento entre perpendiculares . . .	60 ^m .000
Boeca na fluctuação	8 ^m .404
Altura da carena	2 ^m .416
Altura da quilha	0 ^m .150
Callado d'água	2 ^m .595
Superfície da casa mestra	17 ^m 2.157
Superfície da fluctuação	353 ^m 2.580
Deslocamento total	636 toneladas
Velocidade prevista	15,5 milhas

O casco é construído d'aço de primeira qualidade, sendo as cantoneiras e chapas fornecidas pela casa franceza Providence. A linha de fluctuação é reforçada por uma cinta d'aço nickell de 15 millímetros d'espessura, proveniente da casa Creusot. A roda de prôa, que é um primor de bom acabamento, d'aço forjado bem como o cadaste em aço moldado, foram adquiridos na casa Ferniny.

Para melhorar o balanço, que não poderá deixar de ser grande, attendendo ás fórmulas do navio e pouco callado d'água, é a canhoneira provida de robalotes.

Um unico mastro militar, d'aço, tem o navio e na plataforma do mesmo fica installada uma metralhadora, que em occasião de desembarcar, poderá ser montada na prôa d'uma embarcação. Na prôa e na tolda a ré estão situados os supportes para os projectores electricos, e que servem ao mesmo tempo para o serviço de montacargas das peças de maior calibre.

Avante do mastro, está collocada a ponte da navegação com casa, abrigo, e meio para o leme e telegraphos, ficando por baixo d'esse mesmo abrigo, installada sobre o spardeck casa de pilotagem.

Por ante a ré do mastro e avante das chaminés encontra-se o guincho electrico para manobra das embarcações, que vão assentes sobre picadeiros dentro do navio.

As *Machinas*: são duas de triple expansão verticaes installadas em compartimentos separados e estanques construídas na casa Labrosse & Fouché de Nantes, podendo desenvolver cada uma d'ellas um maximo de 300 cavallos de força, accionando o respectivo propulsor a que deve imprimir 220 voltas por minuto. Os distribuidores de vapor são cylindricos e o aparelho de marcha é o de sector Stephenson. Vem munidas com os respectivos condensadores, bombas, esquentadores e maisapparehos accessorios destinados ao seu funcionamento.

As duas caldeiras de tubos d'água, do systema La Brosse & Fouché, estão collocadas, n'um compartimento unico, e tem na parte superior col-



Canhoneira «Patria» fluctuando no Tejo

Uma caldeira auxiliar de 40 cavallos, typo Neclausse, fornecerá o vapor para illuminação e apparehos auxiliares, em porto fundeado, quando as caldeiras principais não funcionarem.

Nos paioes armas o navio 210 toneladas de carvão que lhe garantem um raio d'ação de 1:300 milhas a toda a força, ou 4:000 milhas com velocidade reduzida.

A sua guarnição incluindo officiaes deve ser de 120 homens, para os quaes os porões do navio tem capacidade para 30 dias de mantimentos, e 3:000 litros d'água.

Os alojamentos para este pessoal, relativamente amplos e arejados, são assim distribuídos:

O commandante aloja-se debaixo do spardeck na parte de ré do mesmo, tendo no lado EB, o salão de recepção, o camarote, a casa de banho e a rerete, e a BB a casa de jantar, e a dispensa. Avante da dispensa independente com porta para a coberta, fica situada a casa dos chronometros. Um corredor central separa os compartimentos dos dois bordos, formando-os independentes. Sob o mesmo spardeck, e para vante dos compartimentos do commandante, até á prôa fica a coberta vasta destinada a alojar a guarnição. Na prôa encontram-se installadas na rerete do estado menor e marinheiros, casa de luzes, e a meio o apparelo e accessorios para a manobra das ancoras.

As casinhas acham-se n'este pavimento avante da sahida das chaminés.

Os officiaes tem os seus alojamentos installados sob a tolda, de meio navio até á pópa, onde fica o alojamento dos guarda-marinhas.

A BB contando da vante para ré encontra-se a casa de jantar, quatro camarotes para officiaes, casa de banho e rerete; a EB casa de detalhe, dispensa d'artilheria, quatro camarotes para officiaes, rerete, e arrecadação de guarda-marinhas. Um largo corredor, onde ficarão arrumados contra as anteparas os armeiros com o armamento portatil, corre a meio, dividindo os diferentes camarotes.

Avante d'estes alojamentos ficam dois camarotes para machinistas, um por cada bordo; a casa de banho para os mesmos, o dormitório de conductores de machinas, botica e enfermaria seguem-se do lado de BB, enquanto que a EB se encontra a officina, o alojamento dos aspirantes machinistas, o alojamento do estado menor e camarote do mestre.

No pavimento inferior de ré encontra-se, a partir da pópa, o compartimento do apparelo do leme electrico, o paiol de aguada, paioes de machina, electricidade, e apparehos auxiliares, e a vante o paiol do mestre e de munições d'armamento de mão.

No ultimo pavimento inferior ficam os dois paioes de munições para as peças de 10 ^{1/2} m, um avante, e outro a ré, paiol de munições para as peças de 47 ^{1/2} m situado avante, bem como os paioes das amarras e mantimentos.

Os paioes do carvão ficam ás amuradas nos compartimentos das machinas e caldeiras, e avante d'estas.

A installação electrica a bordo do navio é muito completa, sendo todo o material com excepção dos projectores e guincho electrico para serviço d'apar embarcações que foram fornecidos pela casa Saulier Harlé, proveniente da Société d'Eclairage Electrique.

A energia electrica é produzida por dois dynamos com motor a vapor. Existem a bordo dois grupos electro-geneos, um de 300 ampéres, e o outro de 100. A voltagem é a ultimamente adoptada na marinha de guerra nacional, 80 volts.

A electricidade gerada pelo grupo de maior amperagem é sufficiente para o serviço de toda a illuminação do navio, manobra de guinches, ventiladores, monta-cargas, monta-cinzas, etc. O grupo de menor amperagem, e que é alimentado pela caldeira auxiliar Niel'ausse, apenas fornece electricidade para a illuminação reduzida em porto fundeado, e movimento das machinas-ferramentas da pequena officina de bordo.

A illuminação geral do navio é composta de 200 lampadas d'incandescencia com base de rosca de 10 vellas, 150 de 15 vellas, 10 de 30, 5 de 50 e 10 de 100.



Grupo de embarcações esperando o lançamento da Canhoneira «Patria»

lectores distribuidores d'água, e superiormente o reservatorio de vapor, em communicação com os distribuidores acima indicados por um feixe de 1:120 tubos.

A pressão de regimen é de 15 kilogrammas, superficie de grelha 6^m2.16, e superficie d'aquecimento 215^m2.0. Para um consumo de 500 kg. de carvão por hora, registou-se nas experiencias officiaes realizadas na fabrica, em Nantes, uma vaporisação de 21 litros d'água por metro quadrado de superficie d'aquecimento.

O apparelho distillatorio completo, do mesmo auctor que as machinas e caldeiras, produziu nas experiencias 14:000 litros d'água em 24 horas.

Os projectores que são de 75 ampères, tem 60 centímetros de diâmetro, e um poder illuminante de 3300 velas Carcel. São de regulação automatica, e podem igualmente ser regulados à mão.

Os montas-cargas são calculados a içarem pesos até 85 kilogrammas. Os montas-cargas tem uma potencia de 500 kilogrammos por segundo.

A artilharia é composta de 4 peças Schneider Canet de 10 $\frac{1}{2}$ m e 45 calibres, sendo duas installadas avante nos reduzidos das cobertas, e duas na tolda a ré, e de 6 peças Hotchkiss de 47 $\frac{1}{2}$ m curtas montadas sobre o spardeck, tres por cada bordo. Sobre o cesto de gavesa militar é collocada a metralhadora de 6,5 $\frac{1}{2}$ m, Mannlicher.

Esta artilharia colloca a canhoneira *Patria*, em condições muito superiores a todas as outras canhoneiras que o paiz actualmente tem em serviço. Pode lançar por minuto 240 projecteis, representando um peso de aço de 1050 kilogrammas. O numero de balas n'aquella unidade de tempo é mesmo superior a que lançam qualquer dos cruzadores *Vasco da Gama*, *Adamastor* e *D. Amelia*, dando-lhe n'este ponto e quarto lugar entre os 7 modernos navios que Portugal possui.

As embarcações que o navio tem são:

Um escalear a vapor de 7 $\frac{1}{2}$ m de comprimento, typo Chaligny. Um escalear a remos do mesmo comprimento, e duas baleiras de 6 $\frac{1}{2}$ m, sendo uma salva-vidas.

Os escalears vão dentro do navio, onde são içados por pau de carga, movido electricamente, e as baleiras são içadas em convenientes turcos à borda.

A mobília de camaras e camarotes é de chapa d'aço galvanizada, e

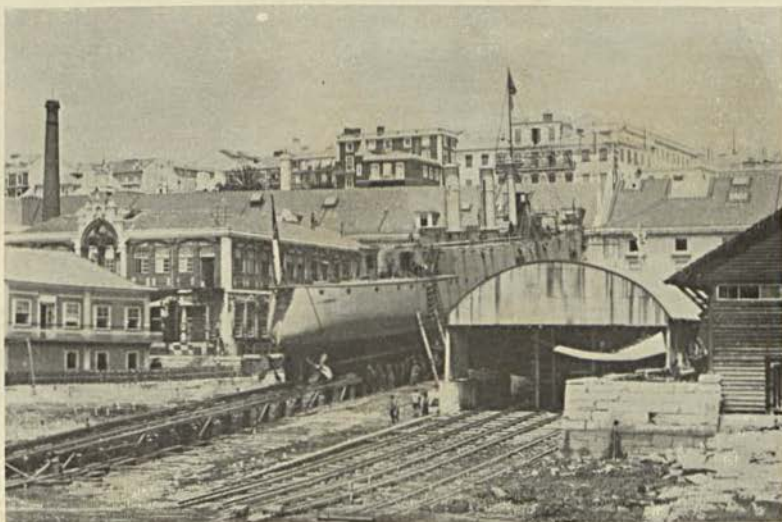
Dr. Patrocínio da Costa

Lembrou-se um dia, quando os cuidados lhe diminuíram, e os meios de fortuna, para a modesta vida que levava, já iam sobrando, de vêr toda essa terra, onde desabrocharam as antigas civilizações, que tanto admirou, cujo estudo lhe era quotidiano pasatempo.

Que importavam as grandes metropoles da civilização moderna? O Oriente! lá é que estava o mais querido dos seus anhelos, que o espirito, povoado de grego e de latins, lhe afagava sem cessar durante largos annos, cheios de nostalgias pelo boruldo padre-mestre, que á força de martellar na lingua do Lacio e nas rapadoias hellenicas, quasi que lhe não deixou materia alguma do cerebro livre para se occupar de qualquer outra coisa.

Ao abolir-se a palmatoria nas escolas, disse o Patrocínio que tinha sido uma grande tolice, por achar devéras provado que o latim, graças aos milagres da *Santa Luzia*, entrava mais pelas pontas das unhas, do que pela cabeça.

E esses predilectos estudos levaram-n'o em passateo annual á Italia, á Grecia, em summa, a todo o littoral do Mediterraneo, que o pais-sível visitar.



A Carreira do Arsenal — Aspecto da Canhoneira «Patria» antes de ser lançada ao mar

a não ser o forro interior da camara e salão do commandante que é de nogueira, sala de jantar dos officiaes em mogno, convex em teca, a madeira é muito sobria e limitadamente empregada na construção do navio, conforme modernamente se adopta em todas as marinhas de guerra.

Estão os trabalhos no navio em grande adiantamento, e em breve vão começar as experiencias preliminares das marinhas.

Ficará contudo o seu acabamento dependente da parte que o governo se comprometter a fornecer; isto é, artilharia, mobiliario e embarcações.

Aquella só agora foi encommendada e para o escalear a vapor nem ainda sequer foram estabelecidas relações sobre o seu fornecimento com a casa construtora, como para o fornecimento d'artilharia são pedidos 10 mezes não ficará a nova canhoneira prompta, no prazo estipulado de dois annos para a sua completa construção.

Só devido a isto, os nossos irmãos d'álen-mar, não terão o orgulho e o prazer de vêr ainda este anno, nas aguas do Brasil, tremular a querida bandeira da patria, no navio que devido ao seu concurso, veio acrescentar a diminuta esquadra do seu paiz, e que será a prova do patriotismo e do amor dos benemeritos que longe d'agua sentem palpitar o coração pela sua terra natal.

S. M.

As mulheres pensam com o coração e enganam-se muito menos que os homens, que pensam com a cabeça.

LESCURE.

Deixaria de ser completamente exacta esta veridica narração, omitindo-se aqui uma das causas determinantes, fortissima, da sua primeira excursão. Quiz vêr com os proprios olhos o theatro dos lendarios andres de Romeo e Julietta, apalpar o marmore do jazigo, comprar para alfinete de peito, de uso constante, um pedaço d'elle, que moudou engastar em ouro, cravejado de brilhantes, sem duvidar por um momento sequer da authenticidade da preciosa joia.

Ao avizuhar-se o almejado dia da viagem, dava-se a um estudo, que muito o entretinha; itinerario com todas as minudencias, em que se dobravam os seus infinitos pormenores; tantas horas aqui, tantos minutos acolá; comboios, vapores e carruagens; preços de passagem e cambios; clercos e hoteis; as terras a visitar, e pela ordem calculada tal sequencia e preciso, que nem havia margem para o imprevisto, como se da saída do porto até o regresso á terra natal, toda a viagem lhe fosse prescripta por uma interminavel formula mathematica, que Newton, ou Leibnitz, não conseguiriam desoehir.

De uma saúde de ferro, imaginou que nunca a doença, a não ser lá para a proecta idade, que ainda via muito afastada, o chegasse a prostrar, e veio este imprevisto surprehendo-o na ultima viagem, á Syria. A insolação causou-lhe a ultima, talvez a primeira, doença que teve, e pôz termo a sua existencia, toda cheia de episodios, a maior parte dos quaes, de notorios que eram, se tornaram do dominio publico.

Tôseo e geralmente engraçado no dizer, quem conversasse com elle reconhecia logo que estava tratando com um excentrico de primeira ordem, e os seus escriptos não desdizem tambem do mesmo councto.



Conselheiro Antonio Ennes

Primeiro delegado da comissão dos subscriptores para a canhoneira «Patria»

Todos se riam d'aquelle feito extraordinario e ninguém deixava de o respeitar, ainda que a excentricidade resvalasse para a rija maluqueira, o que, não raro, succedia. De vez em quando, em aula apinhada de estudantes, notava-se uma, ou outra, excepção a esta regra, mas deve dizer-se, que elle provocava a hilaridade e chegava a autorisar demasias, incompatíveis até com assembléas de muito menos exigencias de compostura. Falava no parallelismo de rectas pondo dois dedos na testa. Distingua-se algum alumno pelas suas rapaziadas, mettia a mão na urna, tirava uma esphera e fingido ter sahido a sorte áquelle, chamava-o á lição; houve um que, não se conformando, lhe disse: «não vale, isso é batota!» e o Patrocinio, imperturbavel, responde com a flegma habitual: «é sorte composta!» consistindo, portanto, a composição da tal sorte em, apesar do apparato de urna e de espheras, chamar quem lhe parecia. E assim succedia de outra vez: tendo ouvido um alumno cantar o *compadre chegadoinho*, chama-o tambem por meio da *sorte composta*, estenderete, manda-o sentar, vai á caderneta e, em voz alta, ao marcar-lhe a nota, canta: «Compadre chegadoinho, zero, zero». Parece incrível, mas é a pura verdade.

Fimda a aula, um estudante pede-lhe para explicar determinado ponto, sobre o qual tinha duvidas. Patrocinio, de pé, bamboleando-se, agarrado ao penteiro como se fira cacete, deu a explicação com toda a clareza desejada; acabado isto, dá um salto para a rectagnardna e, de penteiro em riste, diz-lhe: «plivrou-se d'essa, agora livre-se lá d'esta!» e finge dar-lhe uma estocada na barriga!

Vae outro estudante na vespera de exame pedir-lhe benevolencia, recebe-o, dá-lhe mediocre attenção e põz-se a toar rabeaca até que, virando-se para elle, lhe perguntou se tocava alguma coisa, obtendo resposta affirmativa, passa-lhe outro instrumento e ahí ficam ambos a tocar até altas horas da noite. No dia seguinte, estenderete, reprovação, e o Patrocinio não se confete que não lhe dissesse: «hontem na musica estava muito melhor, que hoje na mathematica».

Um, ou outro, reprovado, menos manso, apostrophava-o violenta-



Conselheiro Augusto de Castilho

Delegado actual da comissão dos subscriptores para a canhoneira «Patria»

mente na rua, e elle tudo ouvia com evagavel resignação, excepto um certo apódo, ao qual respondia logo: «isso é que você não me pode chamar, porque não sou casado!»

Informação, que deu de um alumno militar: «tem divisas e joga de porta.»

No jury de exames era divertidissimo, fazia diariamente relatorio, e a um examinando, que tinha o nome de um navio, pôz a nota: «den á costas. Vem depois outro, chamado Costa, e escreve então: «den ao apellido».

Uma vez, no Iyeeu, a 1 de agosto, levrou os termos, datando-os de — 32 de julho! Aos que lhe extranharam a chronologia replicou: que lessem o regulamento, onde vinha precatizado que os exames deviam ser feitos em julho, e não havia por isso razão regulamentar para que julho não continuasse, visto que os exames não cessam.

As anedoctas d'este genero não tem fim, e n'ellas se foi gastando toda a actividade da sua imaginação, que ninguém chegou a admirar n'outras revelações.

Formou-se em mathematica com a mesma vocação com que poderia ter seguido qualquer outra faculdade. De uma razão clara, muitissima leitura, memoria bastante fiel, a imaginação de todo o abandonava para o que mais necessaria era e, apesar d'isso, obstinava-se em querer ser musico e poeta com teimozia digna de melhor sorte.

Parce impossivel que tendo mantido tão aturado convívio com os grandes escriptores de antiguidade, que a ninguém cedem primazias na elegancia da dicção, nem pelo quotidiano versar de obras primas, nem pelos aturados reflexos de tanto estudo divino, deixasse de sahir tão desagradado.

Versos, estrophes e cantos, se obedecem aos preceitos da velha arte de Horacio nas exigencias materias da forma, são no resto, o essencial, a mais rasteira prosa que se pode imaginar, não revelando nunca em toda a sua marmorosa frieza o fogo da inspiração.



Conde de Avellar

Presidente da comissão executiva



Visconde de Castro Cuidado

Vice-presidente da comissão executiva

Dizia-me, ha tempos, o Freitas: descobri no *Romeo e Julieta*, do Patrocínio, este verso: «Postas estas questões preliminares», que me inspirou a ponto de acrescentar: «lá vae o vinho para os lagarcas».

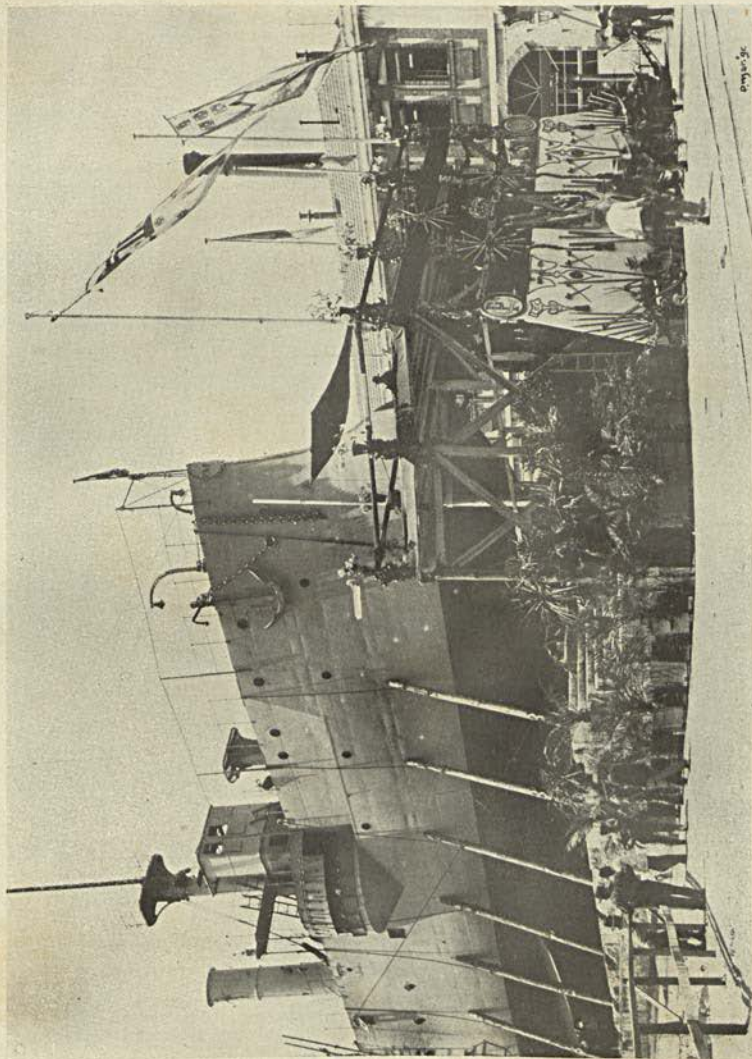
A proposito dos amantes infelizes escrevei sobre a Companhia vinicola do norte, os costumes da nossa época... o diabo a quatro!... tudo o que de mais prosaico podia occorrer a jornalista desenfadado na tarefa de registrar os casos do dia.

qual foi o acolhimento que esse extravagante poema pôde obter lá pelas casernas da Invicta.

Era inapreciavel na sua escripta, de uma pureza difficilmente igualada e nunca excedida. Mantinha entranhado odio aos gallicismos e até á *calotte* espherica dos nossos livros de geometria nunca perdoou, queria que lhe chamassem *barrete*.

N'um conserço para professor increpa o candidato na defesa da dia-

CANHONEIRA "PATRIA"



Antes da cerimonia do lançamento ao mar — Tribuna para El-Rei

Declarou guerra á musica allemã, chegando a despedir-se de uma sociedade musical, que reinvidiu no attentado, segundo elle dizia, de fustigar os ouvidos do auditorio com as produções dos grandes mestres germanicos. A respeito de sonata, disse, e creio que chegou a escrever: «se é allemã, a palavra vem de *sonnus*, i — o somno; se é italiana, isso então é outro caso! vem de *sonus*, i — o som.»

Admirador entusiasta da Pasqua, brindou-a com o seu poema, que egualmente serviu de brinde para os officiaes e soldados da guarda municipal do Porto, que reprimiram a revolta de 31 de janeiro. Não sei

setção, por elle ter usado a palavra *placa* no sentido de chapa, ou de lamina. «*Placa*, segundo o dictionario, exclama, dizia-se antigamente de uma *de doce*, ou *de seis*; *placa* tambem pode servir para vellas, para isto é que não serve.»

Esta mania durou-lhe sempre, como a da musica e dos poemas, os quaes irresistivelmente me faziam pensar nas flores sem aroma e nas fructas sem sabor; todavia, a versão do grego, do episodio de Hero e Leandro, é bella, quanto o pode ser, assim.

L. F. MARRÉCAS FERREIRA.

ANTOINE



O almoço oferecido ao grande artista francez no «foyer» de D. Amélia, pela Empreza d'aquelle theatro

Escreptores de theatro, jornalistas, artistas dramaticos, poetas, criticos, reuniram-se no mais elegante theatro de Lisboa, e n'um almoço em honra de Antoine, o grande actor naturalista, aclamaram, na brilhante personalidade d'elle, todo o brilho da arte franceza

THERMAS DE PORTUGAL

Caldas de Monchique



a provincia do Algarve, a sudoeste de Portugal, erguem-se duas montanhas: a Foia e a Picota, respectivamente com 983 e 780 metros de altitude, dominando a cordilheira que separa esta provincia do Alentejo.

E' na encosta sul da Picota, a 250 metros de altitude, que se encontram as Caldas de Monchique, 6 kilometros distante da villa de Monchique, cabeça do concelho, e a 18 de Portimão, que é o porto marítimo mais importante do sul do paiz e desde ha poucos mezes a testa do caminho de ferro do sul.

Esta villa, cujo incremento está assegurado pelo caminho de ferro e pelo porto de abrigo que se projecta fazer na proximidade da barra do rio Portimão, está ligada às Caldas e Monchique por uma estrada de macadan, percorrida de manhã e de tarde por duas diligencias.

As Caldas de Monchique são das mais formosas de Portugal; acham-se situadas n'uma apertada ravina d'onde brotam seis abundantes nascentes d'agua thermal, origem da velha nomeada d'este local e nucleo da povoação, que de anno para anno se vai desenvolvendo.

Os terrenos visinhos são do lado do norte graniticos da variedade por alto e chistosos ferruginosos para o sul.

E' precisamente na transição dos dois terrenos que brotam as nascentes thermas.

Nas cercanias da povoação os terrenos estão fortemente arborizados por uma matta ainda nova, suleada de aprasiveis ruas para passeio.

O panorama que se disfructa do estabelecimento balnear é acanhado, mas basta subir uma 40 metros na encosta da serra para se avistar ao longe o littoral algarvio e o mar.

A' proporção que se sobe a vertente da montanha, vai-se o panorama tornando mais e mais extenso e interessante.

No primeiro plano vêem-se verdejantes florestas, já entremeadas de vistosos chalets dispersos pelos terrenos accidentados em que se vai desdobrando a serra.

No segundo plano vê-se um verdadeiro mar de montanhas mais baixas, onde o sol produz estranhos efeitos, revelando as profundas rosidades do terreno.

No terceiro plano estende-se uma larga facha do littoral formado por terrenos apenas ondulados, polvilhados de povoações e pequenas ca-

sas campestres, destacando-se ao fundo o oceano a terminar o horizonte.

Do cimo da Picota todo o Algarve e baixo Alentejo ficam estendidos aos pés do observador como uma vasta carta geographica em relevo, deixando vêr ao sul, desde o Cabo de S. Vicente ao de Santa Maria, onde se descremiza Lagos, Mexilhoeira, Odemira, Portimão, Ferragudo, Silves, Paderne, etc.

Para este avista-se toda a costa até às alturas de Cezimbra e Cabo Espichel.

Para o norte distinguem-se os concelhos de Odemira e Ourique, e a cidade de Beja até á montanha da Arrabida.

Para leste perde-se a vista na série ininterrupta da serra da Caldeirão, cujas montanhas se prolongam até Hespanha, esbatendo-se pouco a pouco no horizonte.

Aos pés fica o formosissimo val de Monchique, coberto de verdejantes e extensas matas de estanhieiros, que emolduram d'uma forma muito pittoresca a villa do mesmo nome.

Afora os numerosos passeios pela encosta sul da Picota, encontra o visitante a Cabeça d'Agua, o Barranco dos Pisões, a estrada de Saboya, a Foia, etc., que são outros tantos passeios deliciosos pelo pittoresco e pela frescura.

A cultura tem-se desenvolvido muito em Monchique, mas ainda ha a maior parte dos terrenos por desbravar e cobrir de florestas.

N'outro paiz esta região, que pelo seu accidentado é um bucaadinho da Suissa, teria feito da formosura da suas paisagens uma importantissima fonte de receita.

Mas sob este ponto de vista, Monchique é um terreno por desbravar; apenas nas Caldas a empresa exploradora, apesar dos seus poucos capitales, lá vai com uma boa vontade digna de melhor sorte introduzindo todos os annos melhoramentos tendentes a augmentar as commodidades dos banhistas, a fazer realçar as bellezas locais ou a multiplicar os recursos therapeuticos do estabelecimento.

A excellencia das aguas contra um grande numero de doenças grangeou-lhes a fama desde uma alta antiguidade, o que é attestado por varias moedas romanas, arabes e portuguezas antigas achadas no local, bem como vestigios de construcções antigas ao typo arabe, provando que já a esse tempo eram frequentadas.

E' sabido que estando D. João II muito doente com hydropisia, os medicos se lembraram de o mandar para aguas, hesitando para escolher entre as Caldas d'Obidos e as de Monchique.

Procuraram pessoas com doenças eguaes á d'el-rei, e regressando



1913

Caldas de Monchique — Hotel Central

Caldas de Monchique — *Cascata grande*

uma curada das Caldas de Monchique, logo D. João II se resolveu a ir elle mesmo experimentar as virtudes miraculosas das ditas aguas. Partiu effectivamente e chegou a tomar quatro banhos, depois dos

quaes, dizem as chronicas, se achou melhor, a ponto de lhe apeteer ir a uma caçada de porcos que perto estavam aprasados para a morte.

Nesta caçada, ou pelo resfriamento que apanhou ou pelo cançasso ou

Caldas de Monchique — *Estabelecimento de banhos*

por peçonha que lhe deram el-rei, foi atacado de fortes dores no ventre e um fluxo que nunca mais o deixou.

Regressou el-rei ás Caldas e ahí se demorou ainda dois dias mas achando-se cada vez peor resolveu partir para o littoral e foi morrer a Alvor n'uma pobre casa terrea de Alvaro d'Atahide que ainda hoje existe.

Nas Caldas não se sabe onde el-rei foi alojado; este desastre do regio cliente foi motivo para estacionamento e olvido d'estas thermas por muito tempo.

D. Simão da Gama, bispo do Algarve, conhecedor dos beneficios que estas aguas produziam e conuido dos pobres doentes, mandou fazer uma enfermaria que é a construção mais antiga das hoje existentes no local.

Depois d'este varios outros bispos, Cardeal Pereira, D. Lourenço de Santa Maria e D. Francisco Gomes, melhoraram o estabelecimento thermal.

No meado do seculo XVIII, no dizer do decreto que elevou Monchique a concelho, já as Caldas eram frequentadas por mais de 1300 pessoas.

Depois de 1833 tomaram conta do hospital os governadores civis de Faro e foram procurando recursos para fazer face ás despesas, estabelecendo o pagamento de banhos, quartos e aguas.

Os melhoramentos foram insignificantes; ainda ha poucos annos as Caldas de Monchique eram apenas um amontoado de pedriscos irregulares, immodestos, apestos miseravos, cercados completamente pelos esteves, sem outros recursos therapeuticos mais que umas tintas de azulejo, e sem commodidades algumas para os frequentadores.

Os banhistas tinham de levar de casa mobiliá, roupas, louças e até assucar, legumes, trigo ou farinha para pão e mais comestiveis porque nada havia no logar.

Depois de 1890 errou se uma má hospedaria e um salão para dansa e retido dos banhos.

Em 1895 as Caldas de Monchique foram arrendadas em praça ao empresario actual, sr. Dr. João Bentes Castel Branco, que alli tem introduzido já muitos melhoramentos e de aqui actividade é licito esperar muito mais.

Hoje já se encontram nas Caldas de Monchique quatro hoteis para diferentes preços, desde 500 até 1200 réis, destacando-se entre elles o Hotel Central, que apresenta-nos n'uma gravura; ha tres lojas de mercearia, padarias, phariseias, roupas, louças e mobilias para alugar e uma porção de chalets que se alugam já mobilados.

No estabelecimento balnear ha melhoramentos importantes como se vê n'uma outra das nossas gravuras que representa a nova fachada ainda em obras.

O salão, recentemente ampliado, tem hoje annexas boas salas de jogo, bilhar, leitura, etc.

Ao lado do vestibulo da entrada principal encontra-se o escriptorio da administração, o consultorio medico, a pharaseia e a casa do administrador. Nas Caldas de Monchique ha hoje assistencia medica permanente annual.

No estabelecimento balnear montou a empresa uma installação hydrotherapica bastante completa mas que o desenvolvimento ulterior da affluencia já tornou insufficiente para as exigencias do publico, que tem crescido muito e muito mais ainda não de crescer; ha a abstrusa dos ramans projectados dos casinhos de ferro do sul, que devem tornar tributaria das Caldas de Monchique uma população seis vezes mais numerosa que a actual, affluencia principalmente formada pelos frequentadores dos cinco concelhos de Monchique, Portimão, Silves, Lagoa e Lagos.

O hospital de pobres ficou independente da empresa e é ainda hoje formado por duas pobres enfermarias, pessimamente dotadas, que bradão aos ceus pedindo em vão a protecção do governo para os rheumaticos pobres de todo o sul do paiz.

O edificio balnear onde os banhistas e moradores se confundem no mesmo corredor está ainda para reformar e pena é que a empresa não disponha de capitães bastantes para fazer um estabelecimento balneo-therapico luxuoso, annexado d'uma boa casa de saude, independente e confortiva, digna da estância que dotada com elementos excepcionaes de belleza, salubridade, excellencia das aguas e distanciamiento de outras thermas (que não ha no sul do Tejo), ha-de monopolizar a affluencia do Algarve, do Alentejo, de parte da Andaturica hespanhola e da provincia da Extremadura até Lisboa.

Com os dotes naturaes e o privilegio da situação, uma boa empresa que se abalançasse a gastar 80 ou 100 contos nas Caldas de Monchique e a fazer o respectivo reclamo, tiraria sem duvida alguma larguissima retribuição aos seus capitães, lucrando ao mesmo tempo o concelho e concorrendo para o incremento das linhas ferreas do estado.

Como estão, fãparte a falta de sumptuosidade que era para desejar, já se tornam recommendaveis pelo acoço, pelo esmero que ha no bom serviço dos hospedes, pela assiduidade e bom serviço medico e pela afabilidade da convivencia que une todos os banhistas tornando esta estância, sobre tudo nos mezes de junho, julho e agosto, das mais alegres de Portugal.

Foi já feita a analyse chimica e bacteriologica das aguas das Caldas de Monchique pelo sr. Roquete, que verificou uma temperatura de 32° c. S, e se podem classificar entre as hypsolinas fracamente carbonatadas.

A analyse bacteriologica provou que não tem bacillus pathogenicos. Estas aguas são recommendaveis no rheumatismo, artitites traumáticas, asthma, bronchites chronicas, priões de ventre, dysenterria, dyspepsias e inflammações chronicas de toda a ordem, nas doenças de pelle, sobretudo de forma humida, e nas doenças nervosas.

Como auxiliar dos effeitos therapeuticos das aguas thermas empregam-se em Monchique, com grande proficiencia, a hydrotherapia em duches geracs e locais, com pressões diferentes, banhos de chuva, pulverisações, affusões pelo sistema Knapp, banhos de vapor, etc., que permite tratar com exito os casos de rheumatismo agudo e febril bem como

o rheumatismo tophoso chronico e deformante, as dyspepsias e diferentes formas de nevroses, nas febres intermitentes, anemias, doenças de figado, etc.

Ao lado da hydrotherapia dedica-se nas Caldas de Monchique especial cuidado á alimentação dos doentes, baseando foda do regimen alimentar uma verdadeira especialidade therapeutica.

As aguas potaveis tornam-se notaveis pela sua pureza e dão magnificos resultados nas dyspepsias.

Para facilitar a boa digestão das aguas e distrahir os frequentadores que alli vão procurar repousar uma dias das suas fadigas profissionais estabelecem a empresa um campo de jogos no parque e fazem-se varias digresses durante a temporada de maior affluencia.

As aguas thermas das Caldas de Monchique são captadas na propria nascente e applicam-se em vastas banheiras d'azulejo ou de mármore em agua corrente onde se tomam banhos tão agradaveis que o banhista insensivelmente se esquece dentro da tina e deixa extor a empulheta e correr o tempo até que o banheiro o avisa para sahir.

O clima das Caldas de Monchique tem sido estudado pelo actual empresario em tres annos de observações meteorologicas diarias.

A humidade é pequissima podendo classificar-se fracamente como um clima secco, muito proveitoso na asthma e bronchites chronicas.

Durante o inverno a temperatura descê raramente abaixo de 5° c. durante a madrugada mas sobe rapidamente mantendo-se quasi sempre acima de 12 a 15° c. As oscillações diarias não excedem 16° c.

Durante o verão o calor estival é mitigado pelo vento norte que é quasi constante.

No mez d'agosto a temperatura é mais elevada, em consequencia das quedadas que os naturaes costumam fazer nos terrenos circumvizinhos, ajuda cobertos d'estevas.

Os banhistas da provincia costumam frequentar as Caldas de Monchique principalmente no mez de julho e os alentejanos em agosto.

Para os forasteiros que queiram visitar esta estância balnear o tempo em que se procura a mais formosa é nos mezes de maio e junho ou em setembro; quando procurar as distracções e o periodo de maior convivencia deve preferir o mez de julho.



Caldas de Monchique — O paraizo — Pequena cascata

O incendio em Espinho



Clied de Photographia Guedes

Espinho — Largo da Senhora d'Ajuda

Os anemicos, dyspepticos e nervosos, podem com vantagem aproveitar os mezes mais frios e a doçura do clima durante o inverno.

Alem dos commodos e installações para os frequentadores que podem pagar ha nas Caldas de Monchique um hospital frequentado principalmente pelos pobres do Algarve e concelhos do sul do Alentejo.

Este hospital está aberto desde o principio de junho até ao fim de setembro.

Anexo ao hospital ha uma piscina ainda antiga onde brotam duas nascentes thermais (da pancada) para uso dos pobres; n'ella se dão tambem os banhos de 3.ª classe a individuos de poucas haveres.

Com a abertura do caminho de ferro até Portimão deve-se prophetisar ás Caldas de Monchique um incremento que as tornará das mais prosperas do paiz.

A proposito de uma viagem real

Uma interessante questão surgiu a proposito da viagem da Rainha de Portugal a França, e a esta these, mais ou menos discutivel, se deu a honra ineperada d'um debate na camara alta, depois de annunciada uma interpellação.

Eis aqui como, em termos geraes, pode ser formulada esta questão: «Tem uma princeza soberana ou esposa «d'un chefe d'Estado, não sómente o direito incontestavel de viajar á sua vontade no mais estricto «incognito ou está exposta ás censuras de inconsequencia, se usa d'esse direito por uma forma intermitente?»

«Será possível negar-lhe a facultade que pertence a uma simples mortal, de deixar o seu *toilette* quando lhe aprouver (ainda que não seja se não para respirar mais a seu gosto), e em seguida expertar-lhe estritamente os cordões momentaneamente affrouxados? — E isto sem offuscar niuguem sem ferir nenhuma susceptibilidade?»

Seria conveniente elucidar este problema sob um ponto de vista puramente theorico e pessoal, sem a menor allusão a factos recentes, pois que as coisas tambem tem caminhado ao encontro do pessimismo dos augurios do primeiro momento.

Pedir-se-ha em vão ao Protocollo, por muito formalista e purista que elle seja, uma resposta a esta interpellação.

— E' antes por aproximações historicas, inspirando-se nos usos em vigor e no sentimento das conveniencias em geral, que se poderá tirar d'este estudo conclusões firmes e formular, para uso dos interessados, uma regra de conducta perfeitamente correcta e inatacavel.

Max, em primeiro lugar, o que é o Protocollo e o que significa precisamente o que se chama o incognito das pessoas reaes?

O Protocollo, — segundo a definição apertadissima

que todavia lhe attribuem mestres linguistas autorisados, — não era no principio mais do que uma especie de formulario «contendo a maneira como os soberanos, principes e chefes de administração tratam nas suas cartas aquelles a quem escrevem». A palavra Protocollo applica-se, hoje, ao conjunto de disposições e de instruções que regulamentam o ceremonial usado nos negocios da diplomacia. Chama-se tambem Protocollo o ramo de serviço encarregado de assegurar a execução dos regulamentos vigentes. E' assim que no ministerio dos negocios estrangeiros de cada Estado, por pouco que elle tome parte no concerto europeu ou internacional, existe uma repartição e um chefe do Protocollo. Em Portugal (seja dito entre parenthesis), o barão de S. Pedro accumulava as funções de chefe do Protocollo com as de secretario geral do ministerio dos negocios externos.

A instituição remonta á época byzantina e desenvolveu-se progressivamente. A medida que as communicações se tornaram mais facéis e mais frequentes as viagens das pessoas coroadas, e o papel do pessoal do Protocollo não podia deixar de se tornar mais importante e mais activo. O rei de França Carlos IX foi o primeiro que transformou em cargo de êrte o emprego do «Introduzidor dos Embaixadores». Conhece-se além d'isso a famosa bulla do papa «Sixto Quinto», que fixa a ordem das precedencias em todas as ceremonias publicas, bulla cuja genese apparece illuminada por uma viva luz historica, na breve mas eruditissima monographia do marquez P. Mac-Swiny, recentemente editada pela casa Plon.

O facto citado pelo auctor da brochura de que se trata é muito proprio para interessar os leitores portuguezes, porque aconteceu na occasião da entrada solemne da *Embaixada d'Obediencia*, enviada a Roma por el rei Don Manuel, com intuito de festejar a accession ao throno pontifical do papa Julio II. Em 1589, a oitenta annos de distancia, não era ainda esquecido o lastimavel conflicto que compromettera gravemente a dignidade dos representantes de duas grandes potencias, — os quaes entre si disputaram profundamente a prioridade no cortejo da missão portugueza, — com summo desgosto de Julio II, o *Tercivel Pontifex*, que n'estes casos chegava até a praguejar «como um lansquenet» (conforme se diz familiarmente na boa sociedade franceza), e que um certo dia, encolerizado ao extremo, atirou o seu bastão ás pernas do proprio Miguel Angelo. O papa Sixto Quinto, que, como todos sabem, foi um grande politico, affirmava assim uma vez mais o seu temperamento precavido, tomando as necessarias medidas para evitar a repetição d'uma scena analogá.

Na corte austriaca, onde o culto da etiqueta se manteve por tradição, com uma severidade meticulosa, tudo o que diz respeito ao ceremonial tem sido, durante o decorrer dos seculos, objecto de varias publicações especiaes e commentarios muito proprios para esclarecer os curiosos d'este assumpto. No entanto, como as prescripções do serviço de que estamos falando nunca foram codificadas em parte alguma, que me conste, é certo que as resoluções a tomar nas altas espheras, segundo os casos, estão sempre mais ou menos sujeitas á interpretação elastica dos textos.

E agora, em que consiste realmente o «incognito», isto é, o direito ou privilegio que os soberanos ou chefes d'Estado, ou ainda as augustas senhoras, são autorisados a reivindicar para sua commodidade pessoal?

O incognito é definido pelas mesmas autoridades já invocadas: «o segredo (fixae esta palavra e medi-lhe bem o alcance!) o segredo que qualquer pessoa guarda ou faz guardar devesa da sua presença. Situação d'alguem que se furta voluntariamente ás horas devidas á sua alta hierarchia.»

D'onde se deduz que todo o chefe d'Estado, todo o soberano reinan-



Clied de Photographia Guedes

Papelaria e quinquilherias
Alfaiateria e loja de calçado
Loja de loiça grossa

O incendio em Espinho — Lado do largo da Senhora d'Ajuda

te, príncipe ou princesa consorte, herdeiro presuntivo da coroa, e, em these geral, qualquer príncipe de sangue real, «desde o momento que declaram expressamente querer viajar incógnitos», escapam virtualmente ao Protocolo, ás suas pompas e obras, o que se pode traduzir: ás suas exigencias pesadas tanto como ás suas subtilidades.

O que não obsta — para dizer toda a verdade — a que, por deferencia, por galanteria cavalheiresca ou simplesmente por cálculo de interesses, tenha prevalecido o costume, quasi em toda a parte, na *córtis* ou similicórtis do mundo civilizado, de se ir, n'estes casos, ao encontro do illustre hospede, que abriga a sua personalidade sob um titulo emprestado, afim de lhe offerecer eventualmente os serviços das autoridades locais, e mesmo os do governo d'uma potencia amiga. Esta homenagem limita-se, o mais das vezes, a uma froca de agua benta, para que o augusto *touriste* persevere no seu proposito de guardar o incógnito.

E' effectivamente um sentimento muito humano o que leva quasi sempre um faustoso monarcha a depôr o fardo do poder e a libertar se por um momento do apparato das representações, que não são um dos menores inconvenientes da grandezza. Que não mais se fale ao real visitante, — philosopho, artista ou *spartano*, — de honras officiaes, de hymno patriótico de que os seus ouvidos ficam saturados, de discursos sem sufficiente interesse para elle!

Está em férias... pela graça de Deus. Resolve viver em aldeia modesta, n'um paiz onde vem procurar distração. Quer ter a liberdade de circular por onde mais lhe agrada, sem chamar sobre si as attensões. O seu ideal seria evitar toda a especie de demonstrações, mesmo as que se limitam ao tirar do chapéo, obrigação que elle tem de cumprir, quasi automaticamente, no seu paiz.

Reconhecemos, todavia, que esta ficção levada até os ultimos limites mal coaduz com a alta situação d'um chefe d'Estado. Outro tanto não acontece já com a situação d'uma rainha. Compreende-se facilmente, sem recorrer a argumentos, quanto mais facil é a uma augusta senhora dividir a sua personalidade, como que «desdobrando-se», pois, desaparecendo a soberana, fica sempre a mulher, e a mulher, em these, tem direito a toda a especie de privilegios illimitados. Tratando-se, pois, da esposa d'um monarcha amigo, corre-nos o dever de estudar os seus gostos, de adivinhar toda a delicadeza dos seus sentimentos, de respeitar as suas conveniencias pessoais; e uma palavra, vê-se claramente que, relativamente á sua pessoa, o incógnito reveste um caracter especial.

Entre os hospedes da realza de França, n'alguns se tem notado uma propensão natural para acolher com agrado e prazer as homenagens publicas: no czarевич Paulo, por exemplo, que subiu ao throno da Russia depois da morte de sua mãe, Catharina II. Objecto das mais especiosas attensões da parte do rei Luiz XVI e de Maria Antonietta,



Cliché de Photographia Goebel

Mercearia Lma-Hespanhola, onde começou o incendio

O incendio em Espinho — Lado da rua Bandeira Coelho e rua da Estrella

sabe-se que foi convidado e tomou parte nos festejos de Trianon, apesar do seu incógnito, pois viajava com o titulo de «comte du Nord».

N'outras circumstancias, os príncipes, e até os soberanos, obedecem a motivos d'orden intima, desejando formalmente que não se occupem d'elles. O príncipe de Galles e o príncipe de Orange, na idade dos divertimentos, passaram por *boulevardiers* perfectos. Ora eu imagino que as suas verduras de *young-boys* passaram despercebidas ao mundo official parisiense.

Quando o rei de Hespanha Afonso XII teve a lembrança de se encontrar n'um poetico chalet d'Areachon, em plena floresta resinosa, com a jovem archiduchessa que elle devia esposar em segundas nupcias algumas semanas depois, estava sobejamente indicado que o Protocolo não tinha que intervir n'este idyllio real, e não sei que alguém tenha vindo importunar o jovem soberano, occupado em fazer a sua *córtis*... a não ser talvez que o prefeito da Girona, por excesso de zelo, ou um general qualquer, ou ainda um official da casa militar do Presidente, se tenham julgado obrigados a uma visita de cerimonia e ao offercimento



Cliché de Photographia Goebel

Porto — Incendio na drogaria da rua das Flores

de seus bons officios, que decerto foram cortez mas formalmente declinados.

Nenhum dos nossos contemporaneos olvidou ajuda as vagabundas peregrinações que a desventurada *Kayseria* Elisabeth emprenheda por terra e por mar quasi seu descanço, buscando desesperadamente uma diversão á ferida incurável que ensanguentava o seu coração de mãe. Ella era inapprehensivel, e sem a menor duvida, o velho Protocollo teria ficado burlado se se empenhasse em perseguir esta *Elie* fugitiva com as suas obsequiosas attentões. Contudo, soffri que me dissessem, que em algum ditoso dia, o sr. Felix Faure que foi um Presidente inuito decorativo, conseguiu encontrar a Imperatriz Elisabeth na sala de espera d'uma pequena estação de caminhos de ferro. Muito sensivel aos cumprimentos do Presidente Faure, em que o chefe d'Estado francez era perito como um verdadeiro republicano d'Atenas, a augusta dama nem por isso vacillou em continuar a sua jornada, e poder-se-hia affirmar, sem temeridade, que o illustre e sympathico personagen nunca mais teve a fortuna de renovar esta *entrevue* e de reatar o fio d'uma conversação bruscamente cortada pelo silvo da locomotiva.

Em resumo, o que resalta mais claramente na exposição que prece-diu, é que o incognito tem formas muito variaveis, muito imprecisas, o que tudo constitue um elemento novo de mais para se entabolar sobre este terreno um debate de alta politica.

Ha, evidentemente, incognitos e incognitos, como ha, dizia Molière, *«figots et figotes»*. Eu, pela minha parte, vejo duas grandes categorias: o incognito relativo, ou meio incognito, e o incognito absoluto; o incognito para uso dos homens e o incognito para uso das mulheres. Esta classificação, segundo o meu humilde parecer, deveria ser doutrinalmente reconhecida e estabelecida nas altas regiões.

No que se refere ás *grandes damas*, não meos que ás senhoras da burguezia, o incognito, é por assim dizer, a sua condição permanente. Ainda de baixo do tecto familiar, o seu *home* respectivo é sempre sagrado e ninguém se atreve a restringir a sua liberdade absoluta, de prohibir as curiosidades inopportunas, de fechar a sua porta como e quando lhe parece a proposito, sem ter que dar conta a ninguém, nem do seu estado de alma, nem da tenção mais ou menos desordenada dos seus nervos. A senhora tem a sua *convivee*, a senhora teve uma scena acalorada com o seu marido, ou zangou-se com a sua camarista, e não gosta de exhibir o seu rosto transformado ou congestionado; ninguém tem que ver com isso. A senhora fica no seu tocador a ler um romance que a interessa apaixonadamente e recommenda ao seu guarda-portão que minta desceradamente, affirmando que a senhora sahio. Tudo isso é perfeitamente correcto e quem quer que se lembrasse de fazer um inquerito a este respeito passaria por tolo.

Estar-se-ia longe da verdade concluindo que o estado normal, da

grande dame em particular, é o incognito? Mas se esta *grande dame* é uma rainha, a quantos melindres, a quantas delicias não fica obrigada toda a gente para com ella?

Se por motivos, de que ella só tem o segredo e que seria improprio querer perscrutar, ella manifesta a intenção de guardar o *incognito absoluto*, deve ser a ultima das indiscreções, attingindo quasi as raizas da impertinencia. tratada com meos deferencia de que a uma senhora disfarçada n'um baile de mascarar. Tudo o que accusa uma tendencia a teimar contra uma resolução pessoal se aproxima d'uma incorrecção, sob qualquer pretexto com que se pretenda acobertar esse acto.

É de toda a evidencia que, se algum chefe de Estado, n'um sentimento plausivel em summa, como intenção, reclama *oikos*, o favor de saudar uma princeza em viagem, ella não quererá, seja por que *for*, ficar inferior em cortezia a ninguém, e preferirá sujeitar-se á violencia moral, a attrahir sobre si, e, gratuitamente, sobre o seu pai, o ressentimento d'um grande da terra. Mas será este procedimento, em si mesmo, a ultima palavra da galanteria cavalheiresca? Não o creio. A mais perfeita das cortezias consiste em não contrariar as vontades d'uma senhora, e respeitar escrupulosamente, incondicionalmente, até o seu capricho.

N'este particular é vedado, não só ao Protocollo, mas á politica, metter o bedelho no assumpto.



Não ha em França uma unica cousa grande, boa ou má, em politica, em litteratura, em arte, que não tenha sido inspirada por uma mulher.

ALPH. KARR.

*

Em materia de eleições academicas, não se trata de saber o que o candidato ganha em ser eleito, mas apenas o que a academia ganha em eleger.

J. B. DUMAS.

*

Para certas mulheres a consciencia é um espartilho que se aperta ou se alarga á vontade.

JEAN LISEROL.

*

A primeira condição d'um jornal diario, é de apparecer todos os dias; — direi mais, é talvez a sua unica condição!

ALPH. KARR.



Uma familia

Antonio Carlos da Silva Telles



O coronel honorario do exercito brasileiro, Silva Telles, é um dos homens que mais honram o seu paiz, e cujo retrato o *Brasil-Portugal* hoje insere com muito prazer.

Nasceu o nosso biographado em Capivary, estado de S. Paulo, em 1844. Começou a sua carreira commercial como modesto empregado da antiga casa Maná & C., e mais tarde, tendo percorrido todo o interior, em 79, estabeleceram-se em Santos onde fundou, com Domingos Luiz Netto, José Paulino Nogueira, e o coronel Bento Quirino dos Santos, a casa commercial de café, que gira hoje sob a firma Telles, Quirino & Nogueira, uma das mais consideradas d'aquella praça.

O coronel Silva Telles foi, desde a mocidade, um republicano sincero, e manteve sempre a mesma attitude de convicção nas varias phases da sua vida politica, o que lhe valeu a conquista de sympathias no proprio partido monarchico. Em 1871 fundou em Campinas, com Campos Salles (ex-presidente da Republica), Quirino dos Santos, Bernardino de Campos (actual presidente do Estado de S. Paulo), Glycerio e Americo Brasiliense, o partido republicano. Foi um dos mais valiosos sustentaculos do partido republicano historico de S. Paulo. Logo que se proclamou a republica creou o *Club Nacional de Santos*, onde prestou serviços relevantes na organização d'esse municipio durante o periodo revolucionario, e onde conseguiu, graças á sua excepcional influencia, formar a primeira camara municipal. Era chefe do partido em Santos quando fez as eleições do primeiro congresso constituinte. O seu nome anda ligado a todos os melhoramentos da pittoresca cidade de Campinas. Deve-se á sua iniciativa a organização da companhia Mogyana de estrada de ferro. Prestou grandes serviços a Santos, sobretudo em 90-93, por occasião da chamada *crise de transportes*: era então presidente da Associação Commercial.

Por occasião da revolta de 93, foi o coronel Silva Telles quem conseguiu que o porto de Santos se mantivesse ao lado da legalidade. A pedido do dr. Bernardino de Campos, então presidente do Estado, auxiliou o governo, representado pelo general Jardim, commandante militar do districto, na defesa do porto. Foi necessario que elle tomasse a responsabilidade dos fornecimentos pedidos por Jardim, pois que poucos se atalçavam a crer nas propostas do marechal Floriano, cuja victoria se afigurava incerta. Com o seu tacto fino e a sua indole humanitaria e boa concorreu para que se não exercessem vinganças e perseguições, o que lhe grangeou novas sympathias. Foram tão importantes esses serviços que, suffocada a revolta, Floriano Peixoto lhe conferiu a patente e alta distincção de coronel honorario do exercito brasileiro. Uma das paginas mais brilhantes da sua vida marca-a a sua intervenção na abolição da escravatura. Tendo morrido, em 1886 o grande abolicionista José Bonifacio, tratou-se de commemorar a perda d'esse prestante cida-

ção por uma forma que honrasse a sua memoria: libertando o maior numero de escravos possivel no municipio de Santos. Silva Telles, Francisco de Paula Ribeiro e F. G. Naumann, encarregados d'essa missão, conseguiram em poucos dias, escudados na santa causa que defendiam, a libertação de 300 desgraçados. Na noite em que se realiso a memoravel sessão, no theatro Guarany, em honra de José Bonifacio, e a que assistiram representantes da imprensa do Rio de Janeiro, e Quintino Bocayuva e José do Patrocinio foi proclamada a abolição em Santos e S. Vicente, e aclamados os tres comissionados.

O coronel Silva Telles é um modesto e tem sempre vivido na sombra, recusando honorarias e recompensas que lisonjeariam a sua vaidade. Assim, nunca accedeu ás repetidas instancias para que accitasse fazer parte do congresso constituinte federal, nem acceteu uma cadeira no Senado do Estado para que foi convidado. Inflexivel, dizia sempre:

— Façam uma republica boa e honesta, deem-nos justiça e liberdade, e deixem-me tranquillo no meu cantinho.

A primeira camara republicana de Santos deu o nome de Silva Telles á praça em que hoje existe a Recebedoria das rendas do Estado. O coronel Telles vive hoje completamente retirado da politica, mas considerado e querido por todos. A politica foi a sua paixão dominante, mas nunca essa paixão o cegou. Aos seus ideaes politicos andou sempre ligado o seu grande ideal — o bem do paiz em que nasceu. Combatu a monarchia, mas lealmente. Guerreou a instituição, mas respeitou as convicções alheias. O imperador tinha n'elle um inimigo: D. Pedro nunca foi alvo do motejos seus. Quando pela primeira vez esteve em Portugal, em 1900, o coronel Silva Telles visitou o panteão de S. Vicente, onde repousam os restos de Pedro II. Ao sahir da egreja, muito commovido, disse aos que o rodeavam:

— Vim expiar algumas culpas: o mal que fiz a esse pobre velho tão bom...

Bastam estas palavras para evidenciarem o homem.



NOTA LYRICA

Nas madrugadas de estio
O sol põe, graciosamente,
Nas aguas mansas do rio
Uma chuva resplendente
De formosas pedrarias
Que as ondas, quando se movem,
Fazem brilhar, docemente,
Nas suas cúpulas frias...

Assim, meu lirio nevado,
Quando em noutes sem luar,
Ergues o rosto maguado
Fitando o céu... esse olhar,
Esse olhar tão socegado,
Mas sempre cheio de luz,
Como se fóra formado
Do brilho d'alguma cruz,
Esse olhar tão socegado
Prozud no céu as estrellas,
Tão fulgurantes, tão bellas,
Que tu no céu vês brilhar,
Meu anjo casto, bendito,
E que são os reverberos
Da meiga luz d'esse olhar
Nas ondas do infinito...

Alto Commercio no Brasil



A casa João Jorge, Figueiredo & C.^a é uma das primeiras do Estado de S. Paulo, como commissaria de café.
Crê-se que é a que tem maior movimento de vendas, que deve orçar por 15 mil contos annualmente.



BRASIL-PORTUGAL

Composição e Imprensa

Texto e capa: Companhia Nacional Editores
Largo do Conde Barão, 50

Paginas supplementares: Off.º Estevão Nunes & F.ºº
Rua d'Assumpção, 16 e 14

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lord Taveira
Secretario da redacção — João Costa

Editor — Luis Antonio Sanches
Redacção e administração — C. do Sacramento, 14, 3.º
Rod. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	Moeda estrangeira.....
Numero avulso.....	36.000	6 mezes.....	4.000
	3.000	3 mezes.....	2.000
		Numero avulso.....	3.000

SUMMARY

TEXTO

Politica internacional. — CONSIGLIERI PEDROSO.
Canhoneira Patria. — PPRO DREZ — S. M.
Pensamento — LESCURS.
Dr. Patrocinio da Costa — L. F. MARREAS FERREIRA.
Caldas de Monchique.
A proposito de uma viagem real.
Pensamentos.
Antonio Carlos da Silva Telles.
Nota lyrica. — EÇA DE ALMEIDA.

GRAVURAS

O PRIMEIRO CONCLAVE. — Os cardenes Vanutelli e Gotti indigitados para Papa.
CANHONEIRA PATRIA. — Varios aspectos da Canhoneira antes e depois de entrar d'agua — Aspecto do Tejo — Retratos dos Conselheiros Antonio Ennes e Augusto de Castilho, do conde de Avellar e visconde de Castro Guidão — No Arsenal.
ANTOINE. — O almoço oferecido ao grande actor francez no foyer do «D. Amelias», pela empresa d'aquelle theatro.

THERMAS DE PORTUGAL. — Varios aspectos das Caldas de Monchique.
O INCENDIO EM ESPHOZO. — Tres vistas
PORTO. — Incendio na drogaria da rua das Flores.
UMA FAMILIA.
ANTONIO CARLOS DA SILVA TELLES.
ALTO COMMERCIO NO BRASIL. — A casa João Jorge Figueiredo & C., de S. Paulo.

35 Illustrações

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabol!
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas côres. E eras tão franzino!
— Cousas, meu velho. Faz como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Molinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

PLACAS PHOTOGRAPHICAS

PAPEIS JOUGLA
os melhores

PARIS-45, Rue Rivoli. 45-PARIS

Use o solido calçado **ROCHA**
O MELHOR DO BRASIL
<S. PAULO>

Provem os preciosos vinhos
de Adriano Ramos Pinto

OS AOSSOS CORRESPONDENTES

No Continente

PORTO—Joaquim Caldas e Brito, Rua l'uinto Bezas, 40.
PONTE DE LIMA—Gama, Amara! e Com.
ELVAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.
ALCOBAGA—José Narciso da Costa.
TAVIRA—José Maria dos Santos.
LIMA DE S. MIGUEL, ex. José Claudio de Sousa.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 10.
A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem ja os seguintes:

Na India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa Luso Francesa—Rua Alfonso de Albuquerque.

No Brasil

RIO DE JANEIRO—(Agencia Central dos Estados do Sul). Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alfandega, 4, sobrado.
PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.—Rua Primeiro de Marco.
PELOTAS, PORTO ALEGRE e RIO GRANDE SUL—Pinto e C.—(Livraria Americana).
PARA—J. B. dos Santos—(Livraria Classica)—Rua João Alfredo, 50.
MANGUÁ—Jayme e Camara—Livraria Classica—Rua Luítherna Moreira.
MARANHÃO—Roberto Majoli Caixa do Correio n.º 4.
BAHIA—José Louie da Fonseca Magalhães (Livraria Mesquita)—Rua Direita do Palacio, 28.
VI TÓRIA—Estado do Espirito Santo—Guimaraes e Coelho—R. da Alfandega, 15.
CAPÃO—Agente Alcantara Carreira.
Em Africa
MOCAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho BEIRA—Antonio Francisco Ribeiro.
MOSINA—Agente Joaquim Teixeira.
QUILLIMANE—Henrique Jorge de S. Assumpção.
BENGUÉLLA—Mathews e Tavares

LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorenna.
R. THOMÉ—L. A. B. Alves Mendes

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam BRASIL-PORTUGAL os srs.:
Abreu Irmãos & C.ª, em S. PAULO.
Zef-reino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em Santos.
Dr. João Guedes (rua do Capitão Miranda, 8), em AMPARO.
A. Vianna Pinto de Sousa (vice consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
Rio Solimões—J. C. Mesquita (casa Adressen)—MANOAS.

ESCOLA ACADEMICA

Instituida em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philoſophia e Medicina pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa Medico dos Hospitales Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philoſophia, com o curso de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra

Curso Theologico no Seminario de Vizeu e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

Distribuição do tempo dos alumnos internos

Levantam-se ás 5 1/4, excepto os da classe infantil. Seguem immediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'asperſão, frio ou morno, conforme lhe está preceituado.

As salas de banho, installadas no centro dos dormitórios, uma em cada andar, teem cada uma 17 banhos d'asperſão, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar-se ao mesmo tempo Terminada a lavagem, regr ssam aos dormitórios, onde completam a sua toilette.

As 6 1/4 dirigem-se ás diferentes secções á Capella, rezam a sua oração da manhã e descem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos annos, tendo o seu primeiro estudo das 6 1/2 ás 7 1/2 horas da manhã.

As 7 1/2 é servido o almoço, que consta d'um prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, teem recreio até ás 9 horas.

Das 9 horas ao meio dia, 1.º periodo de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permitem a mudança dos professores e o descanso dos alumnos.

Do meio dia ás 2 horas da tarde interrupção geral de todos os trabalhos litterarios. Durante este periodo teem lugar o lunch e as aulas de recreio:— gymnastica, dança, jogos de forete e de pan, esgrima, musica theorica e instrumental. Todos os alumnos são obrigados á frequencia d'estas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este periodo na frequencia d'estas aulas e nos recreios e jogos (Lawn tennis, Malha e Croquet).

Lisboa e secretaría da Escola Academica, aos 11 de abril de 1901.

Das 2 ás 4 horas, 2.º periodo de aulas, havendo ás 3 horas o intervalo necessario para as mudanças dos professores e descanso dos alumnos.

As 4 horas, jantar, que consta de sopa, dois pratos, vinho e sobremesa, conforme a tabella das refeições que corre impressa.

Das 5 ás 7, recreio geral nos terracos, jogos ou salas de recreação, estando ali os alumnos divididos em 5 sec.ões, conforme as suas idades.

As 7 horas, estudo geral nas suas respectivas au.as., que dura até ás 9 horas da noite, excepto a instrucção primaria, cujo trabalho termina ás 8 1/2 da noite.

As quartas e sabados, das 8 1/2 ás 9, uma das 5 secções, em que os alumnos internos estão divididos, tem uma catechese do capella da Escola para o seu ensino moral e religioso e explicação da doutrina christã.

As 9 horas, ceia, que consta de leite e pão. Em seguida dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a oração da noite e recolhem aos dormitórios.

Nos domingos e dias sanctificados levantam-se ás 6 1/2. Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capella.

As 11 horas ouve uma pequena proleccão sobre assumptos de hygiene, feita pelo Director.

1 Durante este periodo teem lugar os ensaios da fanfara e da tuna, dirigidos pelos respectivos professores, e as aulas especiaes de musica.

O DIRECTOR — MAUPERRIN SANTOS.

O Ensino das Primeiras Letras

— Critica ás opiniões dos grandes mestres, com um juizo ácerca dos methodos de leitura mais usados no Brazil.

Obra que mereceu elogios de Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Gonçalves Vianna, Consiglieri Pedroso, Candido de Figueiredo, Vasconcellos Abreu e outros sabios.

Perto de 400 paginas de leitura amena

Preço 4000 rs. (fracos)

Pedidos no Rio de Janeiro

RUA DE S. PEDRO 78. I.

BRASIL PORTUGAL

A' venda na Tabacaria Monaco os numeros que tratam do Vaticano, sob o ponto de vista intimo, politico e artistico.

Escritorio na

14, CALÇADA DO SACRAMENTO, 14

LISBOA

JULIO LIMA & C.^a



FABRICANTES DE CHAPEUS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. teleg. = JULIMA.

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1897—Occupa a área de 12.000 metros quadrados

MACHINISMOS MODERNOS E APERFEIÇOADOS

Os seus productos rivalizam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica, foi distinguida com o

Diploma de Honra

O mais distincto de todos os premios

na Exposição Artístico-Industrial de 1900, primeira a que concorreu.— Absteer os principaes mercados do paiz.

Fabrica Confiança d' Gravatas

VENDAS POR ATACADO

Endereço telegraphico—GRAVATAS



J. AZEVEDO & C.^a

Largo de S. Francisco de Paula, 4 B

RIO DE JANEIRO

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfaiate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quinta das esadlinhas de

Compagnie des Messageries Maritimes
Paquebots poste français
Linha Transatlantica



Para Dakar, Pernambuco, Bahia,
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo
e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.^a classe podem dirigir-se a OREY ANTUNES & C.^a = 4, Praça dos Remo-lares.

As passagens, carga e todas as informações trata-se na Agencia da Companhia = 37, Rua Aurea.

Os agentes, SOCIEDADE TORLADES

MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL
STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores
d'esta antiga Companhia

*Prestam-se todas as informações na rua d'El-Rei, 31.

OS AGENTES,

JAMES RAWES & C.

The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.^o

LISBOA

OS AGENTES—E. Pinto Basto & C.



Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (as quartas feiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pallice e Liverpool.

Antonio Constancio Vieira

COMMERCIANTE

VENDAS POR ATACADO E A RETALHO

GRANDE ARMAZEM

«Oceana Buildings» — **BEIRA**

AFRICA ORIENTAL

Ferragens, cabos para navios, instrumentos de serralharia, loiça e objectos esmaltados, cordas, cordoalha, fios de arame de latão e cobre, oleos e tintas para pinturas, vernizes, chaminés para candieiros, vidros (cortados, de quaesquer dimensões), encerados, papelaria, artigos de escriptorio, livros de contas, etc., etc.

CARTUCHAME

Para Martini-Henry, Lu-Metford, et c. Balas munições de chumbo, capsulas, buchas, aparelhos de carregar espingardas, etc.

EMPREZA DAS AGUAS DE VIDAGO

◀ 3 AS MAIS AFAMADAS DA EUROPA ▶

Premiadas com medalha de ouro em todas as exposições nacionaes e estrangeiras a que teem concorrido

FONTES EXPLORADAS: VIDAGO, OURA, VILLA VERDE E SABROZO

FONTE VIDAGO: E' inconfundivel. E' a agua alcalina mais rica e de maior fama da península.

Eficcissima em todos os padecimentos de estomago, figado e rins.
FONTE DE VILLA VERDE: Riquissima como nenhuma outra, em acido carbonico, eliminando-se pelas vias urinarias, combate e evita efficaizmente a produção da gravella branca ou phantastica.

FONTE DE OURA: Riquissima em bicarbonato de ferro, arsenico e phosphatada, tem excepcionaes qualidades reconstituintes, estimulando o organismo e melhorando a nutricao.

E' infallivel na cura das nevragias menstrues.

FONTE DE SABROZO: A rainha das aguas de meza em Portugal e a mais barata. Preço com garrafa; 1/4 de litro, 80 réis; 1/2 litro 120; 1 litro, 160. Descontos de 20 0/0 aos srs. revendedores, desde 25 garrafas.

Esta Empreza põe, de sua conta, em qualquer das estações do Minho e Douro, Companhia Real, Beira Alta e Beira Baixa, Alfaiellos e Figueira todas as aguas quando as requisições sejam de duas caixas, ou de shi para cima.

Para o publico não ser illudido na sua boa fé com aguas de absoluta inferioridade medicinal, exija sempre: «**Fonte Vidago, Oura, Villa Verde e Sabrozo.**»

Estabelecimento Hydrologico

Magnificos hotels, Encantadoras paisagens. Medico, pharmacia e todas as commodidades proprias d'uma estancia de primeira grandeza.



Abre em 1 de junho e fecha em 30 de setembro

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente — **Vidago**

DEPOSITO GERAL E UNICO NO PORTO

PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 66 E 68

DANIEL MONTEIRO D'ABREU

Agente dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA & IRMÃO
DO
PORTO**SAQUES:**

Sobre 300 agencias em Portugal e Ilhas
 , 800 , , Hespanha
 , 3.600 , , Italia e Syria
 , **Londres e Paris**

Por conta dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA & IRMÃO*As letras entregam-se immediatamente*

Rua 15 de Novembro, n.º 7.

(No edificio do Consulado de Portugal.)

S. PULO (BRASIL)**PHARMACIA ASSIS**

PHARMACEUTICO

C. de Assis Ribeiro

Completo sortimento de drogas,
 productos chimicos e pharmaceuticos,
 pelos preços das drogas

Rua 15 de Novembro, 2

S. PAULO**H. PARRY & SON**

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36**LISBOA*** **OBRAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS****ESTABEIRO NO GINJAL****BANCO LUSITANO**Sociedade anonyma
de responsabilidade limitada

CAPITAL 800:000\$000 REIS

Faz operações bancarias
 nos seus
 variados ramos

Sede em Lisboa

Rua d'El-Rei, 85

OFFINAS PHOTOGRAPHICAS

sob a direcção technica de

ARNALDO FONSECA

RETRATOS a toda a hora e com todo o tempo.

NOVIDADE:—Retratos de noite das 7 ás 10 horas.
Esses retratos são d'um inexcelsivel modelado.**38, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 38****GRANDE DEPOSITO**de encanamentos e apparatus para agua, gaz e exgottos
IMPORTAÇÃO DIRECTA**J. SIMÕES & COMP.**

com officina para execução de installações

e todos os trabalhos concernentes ao ramo

Fabrica de fogões economicos

TRABALHOS DE FUNILARIA, ETC.

Atende-se ás encomendas da capital e do interior

PREÇOS MODICOS

RUA DA BOA VISTA, N. 46-S. PAULO-Brasil**PSYCHOLOGIA DO CHAPEÓ**

«O estylo é o homem!—Dizia Buffon, um Sabio de tom... Está provado, hoje em dia, Que era um erro de Buffon!

Um erro! um erro profundo, Digno de eterno labéio? Pois sabe hoje todo o mundo Que o homem... é o chapéio!»

Acreditem! Não respinguem! E' a Sciencia que o diz: Pelos chapéos se distinguem Os genios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito Com um chapéo de fórma vil, Amarrutado e mal feito, Diz-se logo: «Que imbecil!»

Mas quando alguém apparece Trazendo no craneo, ao sol, Um chapéu que resplandece, Que brilha como um pharol,

Um chapéu limpo, correcto, Que attrahe e seduz o olhar, Com o seu encanto secreto, Com a sua fórma sem par,

— Admirando o cavalheiro, Diz a gente: Sim, senhor! Ou é um grande banqueiro, Ou é um grande escriptor!»

Pois bem! queres ter talento, Dominar a terra e o céo Com vôo do Pensamento? Queres ter um bom chapéu?

A Sciencia não vos engana... Tereis um chapéu ideal, Comprando-o na Americana Do Carvalho Portugal!

CHAPELARIA AMERICANA**133, R. DO OUVIDOR, 133**— **RIO DE JANEIRO** —

FABRICA DE TECIDOS DE LÃ E ALGODÃO

**BERGMAN KOWARICK & C.^o**

Endereço Teleg. : BERKO — S. Paulo

Estação de S. Bernardo

ESTADO DE S. PAULO — BRASIL

Escritorio — Casa C. P. VIANNA — Rua do Commercio, 11 e 13

S. PAULO

A LA
FASHIONABLE

— CHAPEUS —
Para senhoras e crianças

ANGELINA JUSTI

Rua de S. Bento, 27 - A

S. PAULO

LIVRARIA COLLEGIAL E ACADEMICA
DE
PEDRO DES. MAGALHÃES

*Completo sortimento de livros em todas as linguas
e sobre todos os conhecimentos humanos*

Papelaria, livros em branco e objectos para escritorio

29, Rua do Commercio, 29

CAIXA POSTAL. 103

S. PAULO-BRAZIL

CASA PAIVA

Completo sortimento em casimiras, fazendas, modas, armario e perfumarias
TELEPHONE N.º 423

SOUZA OLIVEIRA & C.^{IA}

Enxovaes para casamentos e baptisados

Rua 15 de Novembro n.º 15 e Thesouro, 1 e 3

São Paulo

BRAZIL

Os mais puros e genuinos vinhos do mundo

DA
ANTIGA E UNIVERSALMENTE ACREDITADA CASA

Ferreirinha

do FORTO e REGOA
(FUNDADA EM 1751)

VINHOS VELHOS DE 1812 E 1815
(reserva especial)

Recomendados pelos Srs. medicos para os anemicos,
dyspepticos, doentes e convalescentes

VINHOS ADAMADOS

Bastardo, Malvasia e Moscatel

muito apreciados por todas as senhoras

Marcas para o commercio

Vesuvio -- Ferreirinha -- Cruzeiro -- Nogueiras e Cosmopolita

A' venda em todas as Confeitarias, Hotéis, Botequins,
Armazens e Vendas

Deposito — RUA 1.ª DE MARÇO, N.º 17 — RIO DE JANEIRO
FONSECA & SA

SAQUES sobre Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia,
Paris e Londres

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, 44, 1.º — LISBOA

CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA

A VAPOR

DE

José Maria Pereira Junior

COMPLETO SORTIMENTO

DE

Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA S. JOSÉ, 62
RIO DE JANEIRO

ARMAZEM

DO

PARC ROYAL

M. NUNES & C.ª

Completo sortimento de todos os artigos

DE USO PARA

Senhoras e para homens

OFFICINA de costuras.

FABRICA de perfumarias.

FABRICA a vapor de roupas brancas.

OFFICINA e DEPOSITO de calçado.

Exportação para todos os Estados da Republica

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Preços fixos sem competencia

L. de S. Francisco de Paula, 8 a 11

RIO DE JANEIRO

COMMISSARIOS DE CAFÉ

João Jorge, Figueiredo & C.ª



Rua Visconde do Rio Branco n.º 16

Caixa n.º 29

SANTOS

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
casa matriz, caixa n.º 69.

CAMPINAS

Deposito Sanguinhal
Vinhos tintos e brancos
DO
SANGUINHAL

Os melhores vinhos de meza
VINHOS

Porto e Madeira

Cognac,
Champagne,
Licores, etc.

130 — RUA DO ALECRIM — 131
Telephone N. 131*

FONSECAS, SANTOS & VIANNA BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 120
← LIBBOA →

SOCIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna
e Joaquim Pinto de Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estran-
geiros, accões de bancos e companhias. Tomam e saccam
letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem
genercos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos
em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo
Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão



EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Para Madeira, Santa Ma-
ria, S. Miguel, Terceira,
Graciosa (Praia), S.
Jorge (Vellas) Caes do
Pico e Fayal.

Sae o vapor FUNCHAL, com-
mandante Antonio Xavier de Au-
drade, no dia 5 de Julho ás 10
horas da manhã.

Trata-se com os agentes —
Caes do Sodré, 84, 2.º

German Serrão Agend.

VINHOS

CHAMPAGNE

VILLAR D'ALLEN

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

ALFAYATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Paquetaes, 101, 1.º

JAYME PIRES & COM.ª

Fazendas nacionaes e estrangeiras
Confecções para homens, tendo
rats e creanças. Fardamentos, mi-
litares e todos os uniformes.

Preços resumidos

Paes completos pretos, azues e em
cores, de

45.000 a 205.000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

15.000 a 35.000

Escalhões sortimentados em sobretudos.

Dobrados-capas e vestidos d'Inverno.

Capas á hspanhola, fabrico espe-
cial de nossa casa, de

15.000 a 35.000



GABINETE HYDROTHERAPICO

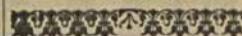
Dr. Mauperrin Santos

Médico Especialista em Mauperrin Santos,
Siberia e Almeida

Instalação hydrotherapica completa; duas
baths de azulejo para homens e mulheres, inte-
ramente a par das e independentes; gabinete
com agua d'elva; cidade e massagem; hidrogeno
e yonadica. — Preço, dirigidos por C. de Lou-
za. Tratamento de doenças nervosas e de auto-
sangue.

Horas das 8 da manhã e das 3 da tarde

ENDREÇO: CASARUA DO DUQUE, 29
CASARUA DO MARQUÊS, 12 Lisboa



FECHO DE SEGURANÇA Joaquim Cruz

PRIVILEGIADO PELO GOVERNO BRASILEIRO

Adoptado pela Delegacia Fiscal
na sua caixa forte

Premiado na exposição agricola, pastoril e industrial de S. Paulo

Este aparelho é destinado a commodos reservados, cai-
xas fortes e especialmente a portas de sahida. Não tem chave
nem orificio de especie alguma. Compõe-se de trancas e ferro-
lhos de ferro e de maçaneta subordinada á caixa do apparelho.
Funciona por meio de segredo impenetravel e milhares de
vezes mutavel, á vontade do possuidor, ficando a porta fechada
com ferroelho e trancas de ferro por dentro.

É portatil de uma para outra casa ou porta, pois tanto os
ferrolhos como as trancas tem gradação para diversas altu-
ras e larguras de portas.

UNICOS DEPOSITARIOS

C. P. VIANNA & C.ª

Rua do Commercio, 11 e 13

S. PAULO

Empresa Nacional de Navegação



Itinerario das carreiras para a Costa
occidental e oriental d'África

SAHDAS — Dia 6: Para Madeira-
S. Vicente, S. Thiago, Principe, S.
Thomé, Cabinda, Santo Antonio do
Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda,
Novo Redondo, Benguella e Mossa-
medes.

Dia 12: S. Thomé, Loanda, Lourenço
Marques, Beiras Moçambique.
Dia 21: S. Thiago, Principe, S.
Thomé, Cabinda, Santo Antonio do
Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda,
Novo Redondo, Benguella, e
Mossamedes.

Para carga e passageiros trata-se
no escriptorio da Empresa, Rua de
Prata, 8, 1.º

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Societ' de anonyma

de res. onababilidade limitada

SEDE EM LISBOA

49 — RUA NOVA D'EL-REI — 74

ULTRAMAR

Caixas Filiaes

S. Thiago de Cabo Verde — S.
Thomé — Loanda — Benguella —
Lourenço Marques — Nova Goa.

AGENCIAS

S. Vicente de Cabo Verde — Bo-
lama — Mossamedes — Quelimano
— Inhambane — Moçambique — Ma-
cau.